

ICOM RIO 2013: O museu e as funções sociais

Entre 10 e 17 de agosto de 2013, realizou-se, no Rio de Janeiro, a 23ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus ICOM, encontro que é realizado em um país diferente a cada 3 anos. Nesta edição a temática foi **Museu (Memória + Criatividade) = Mudança Social**, desta forma foram “apresentadas experiências pautadas na criatividade que valoriza o patrimônio cultural com destaque no papel transformador dos museus por meio da memória social”. (FORUM PERMANENTE)

Logo após a abertura, a plenária foi conduzida por Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, professor emérito da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), doutor em Arqueologia Clássica pela Sorbonne, que dirigiu o Museu Paulista e organizou o Museu de Arqueologia e Etnologia, ambos da USP entre outros trabalhos relacionados a museus e patrimônio cultural em geral.

Ulpiano Meneses, em sua fala sobre **O museu e a condição humana: o horizonte sensorial** explana a sensação que o Museu deve oferecer ao seu visitante. Para ele, museu e arte devem ser uma experiência sensorial. Quem sai do museu deve sair “marcado” sensorialmente por algo; o museu deve de alguma forma “permanecer” naquele que adentra e visita as obras ali expostas.

No dia seguinte, a plenária ficou a cargo de Jorge Humberto Melguizo Posada, comunicador social e jornalista colombiano que foi Secretário da Cultura de Medellín em dois períodos, entre outubro de 2005 a agosto de 2007 e janeiro a março de 2008.

Em sua apresentação sobre **O que deve acontecer quando você sai do museu?** Jorge Melguizo defende a ideia de que o museu deve ser gratuito, porque o povo já paga imposto e que o museu deve oferecer a chance da transformação ao sujeito que o museu. Tem fortes concepções sociais do papel do museu. Narra as várias experiências realizadas na Colômbia de equipamentos culturais bem sucedidos, que inclusive auxiliaram a baixar os níveis de violência no país.

No terceiro dia, a plenária está sob a responsabilidade de Jose Miguel Soares Wisnik, professor aposentado da USP, mestre, doutor e livre docente pela Universidade de São Paulo e curador, junto com Arthur Nestrovski, do espaço Praça da Língua, no Museu da Língua Portuguesa em São Paulo.

José Wisnik apresenta o Museu da Língua Portuguesa, sua localização em meio a cracolândia da capital paulista e passa a descrever a Praça da Língua, espaço situado no terceiro andar do prédio que abrigou uma estação de trem. O curador pergunta “o que quer e o que pode um Museu da Palavra?”. A resposta é a visualidade; os poemas são projetados no teto e nas paredes da praça. Poesia e prosa brasileiros são apresentados em sessões modulares, ele explica. A forma de atrair o público foi pedir que artistas famosos e populares para lerem os textos. Exemplo: um rapper lê poesias e esta é a maneira de aproximar a literatura do público, “mal escolarizado e mal preparado, porque a escola apresenta aos alunos uma literatura congelada” explica Wisnik. Ele menciona, como atividade social, o programa do núcleo de formação continuada de professores entre outras.

No último dia, a plenária foi capitaneada por Antonio Emilio Leite Couto, ou Mia Couto, como é mais conhecido o escritor e jornalista moçambicano, filho de família de emigrantes portugueses chegados a Moçambique no princípio da década de 50. Ele estudou em Beira e iniciou o curso de Medicina em Maputo, mas interrompeu os estudos para trabalhar como jornalista após a independência de Moçambique. Mais tarde, formou-se em biologia em Maputo.

Em sua apresentação **Os tempos que há no tempo**, Mia Couto fala poeticamente de sua experiência com o museu, que ele considera como o local onde se guardam as memórias. Fala da vizinha e da sua família na infância: a vizinha que guardava botões velhos, pedaços de brinquedos quebrados e explicou para a mãe de Mia que estes objetos servem para ser guardados, que são “criaturas vivas cheias de vozes dos parentes falecidos. Couto acrescenta que “a morada da viúva era um templo vivo”.

Ele acrescenta que “Vamos ao museu para vermos a nossa vida.” E conta o episódio do museu que os coreanos construíram sem saber da sociedade moçambicana, e que se transformou em um transplante da sociedade coreana e que assim surgiu um “museu morto, que nem os mortos visitam”. Ele cita que muitos museus na África são cópias de museus europeus, quando, na verdade, a diversidade de cultura deve criar museus diversos e que, mais que tudo, a diversidade de cultura deve produzir museus diversos. Defende também a ideia de que o museu deve escapar da sacralização do passado e se preocupar com o futuro, cita como exemplo o Museu de Alexandria, no séc III A.C. que incluía, além do patrimônio artístico, um jardim zoológico para estudos do reino animal, um núcleo de pesquisa

científica, um local de encontro de pensadores como Arquimedes e outros grandes que fizeram do museu uma “fábrica do futuro”.

Couto discorre sobre as contradições de seu país Moçambique e de sua própria vida. E fala que concorda com Melguizo sobre a questão da importância do museu, da sua função social. Pois o museu deve ser uma instituição mais próxima das pessoas, que constrói a cidadania. Couto declama que os museus que marcaram a sua vida foram aqueles que lhe permitiram ser outro ao sair do museu e lhe fizeram sonhar.

Porém, lembra Couto que atualmente, há uma falsa saída para tornar os museus mais atraentes: a parafernália tecnológica, que na verdade, perturba também a vida das pessoas, deixando-as mais ausentes de si mesmas. Concluindo que o problema não é apenas a questão de oferecer museus mais abertos, acessíveis, quando a “ausência vem do mundo que nos tornou mais ausentes de nós mesmos”.

Esta preocupação de que o museu deve oferecer este lado social transformador a que se refere Mia Couto, já existia na França de 1792, quando um decreto declara os museus propriedade da comunidade. Mas, como aponta Grossman, na época:

Os especialistas ligados à instituição Museu – historiadores, connoisseurs, e assim por diante – concordavam, cinicamente, que os museus em geral deveriam ser acessíveis ao grande público, mas por outro lado mantinham o entendimento da arte como um produto de uma sensibilidade especial, passível de ser adquirida somente por via de um conhecimento a priori e certo grau de educação. (Museu como interface)

E, por isto, prossegue Grossman (Museu como interface), não houve esforços educativos específicos para reduzir a distância entre o conhecimento da assim “considerada alta cultura e o da genérica ideia da comunidade”. “Portas abertas” seria suficiente como propósito educativo. E assim, os museus não se modificaram por um longo período de tempo, mantendo indefinidas políticas culturais, ausência de programas educativos, exposições em desordem, demonstrando ser o museu apenas um depósito “da riqueza do passado”. Não havendo nenhuma tentativa de se tornar simpática ou atrativa, sendo um benefício para poucos.

No livro **O amor pela arte**, no capítulo “Obras culturais e disposição culta”, Bourdieu (2003, 69) menciona que “a estatística revela que o acesso às obras culturais é privilégio da classe culta” e que “são excluídos apenas aqueles que se excluem”, porque os aspectos

econômicos tem pouca importância. Ele justifica esta afirmativa dizendo que o problema não é o acesso em si, ou a “possibilidade pura de tirar proveito das obras expostas nos museus” mas sim do fato que “somente alguns têm a possibilidade real de concretizá-la”.

Ao que parece, o Museu da Língua Portuguesa encontrou a sua solução para este ponto, ao tentar adequar a linguagem da literatura ao ritmo do público “mal alfabetizado” ao colocá-los em contato com a poesia através da voz de cantores famosos. Isto sim, pode ser considerada uma tentativa de melhorar a “competência artística” a que se refere Bordieu (2003, p. 73). A competência artística é definida como

“o conhecimento prévio dos princípios de divisão, propriamente artísticos, que permitem situar uma representação, pela classificação das indicações estilísticas que ela contem, entre as possibilidades de representação que constituem o universo artístico.”

Infelizmente, o programa de educação continuada para professores foi descontinuado...

Martin Grossman (anti museu) reforça esta ideia ao lembrar que os “sagrados” espaços arquitetônicos dos museus “estão sendo visitados como nunca o foram anteriormente, porém a ausência de entendimento ou até de compreensão da arte e a consideração do papel educativo do museu continuam praticamente os mesmos”.

Wisnik lembrou que o Museu da Língua Portuguesa é um dos mais visitados de São Paulo, mas esperamos que o seu público tenha o “entendimento ou a compreensão da arte” ali exibida. Parece que a tarefa é mais fácil porque o seu objeto é a língua que todos os brasileiros usam, mas que muitos nunca pararam para refletir sobre ela. Seria possível aplicar solução similar em outro tipo de museu?

Para concluir, percebe-se, através das apresentações acima citadas, que a discussão do papel social dos museus parte da questão do seu conteúdo, isto é, das obras que ali estão contidas e do impacto sensorial e emocional elas causam nos seus visitantes. E depois se discute e analisa o impacto social que vem da visita a um museu, de que forma o museu afeta o visitante. A seguir vê-se uma possível solução: o aproximar a obra do museu ao mundo do visitante, usar a linguagem do público para auxiliá-lo na compreensão da obra e oferecer formas de melhorar o ensino para que o público possa elevar o seu nível de compreensão e apreciação da arte.

A conclusão a que se chega, é que os museus devem refletir as diversas realidades e culturas, mas mais do que transformar os museus, adequando-os às diversas culturas e realidades, deve-se pensar no ser humano atual que está distante de si mesmo, absorto nas modernas tecnologias, que, com as novidades de cada dia, fecham as pessoas para as novas experiências que poderiam vir de um museu.

Apenas a gratuidade e o acesso físico facilitado não é suficiente para que o museu possa realmente desempenhar a sua função social, há que se oferecer a competência artística de forma a tornar o museu mais atrativo que os seus concorrentes tecnológicos.

Bibliografia

BORDIEU, Pierre; BARADEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. Tradução de João de Freitas Teixeira. São Paulo: EDUSP: Zouk, 2003.

COUTO, Mia. Os tempos que há no tempo. **Conferencia Geral do ICOM**, 23. Rio de Janeiro, 2013.

GROSSMAN, Martin. O anti-museu. **Revista de Comunicações e Artes**, São Paulo, v. 24, p. 5-20, 1991. Disponível em <<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-1/museu-ideal/martin-grossmann/o-anti-museu>>. Acesso em 30 nov. 2014.

ICOM 2013. Disponível em http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013. Acesso em 30 nov. 2014.

MELGUIZO, Jorge. O que deve acontecer quando você sai do museu? **Conferencia Geral do ICOM**, 23. Rio de Janeiro, 2013.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O Museu e a condição humana: o horizonte sensorial. **Conferencia Geral do ICOM**, 23. Rio de Janeiro, 2013.

WISNIK, José. O Museu da Língua Portuguesa. **Conferencia Geral do ICOM**, 23. Rio de Janeiro, 2013